

barranos ou *barrenos*. Em vez de *barraneiros* também se diz *barreneiros*. Propriamente *barreno* é o buraco que se faz na rocha com a *barrena* ou «broca», mas depois passou a significar «tiro». A origem está em correspondentes palavras hespanholas (*barrena* «broca», *barreno* «orificio feito com a *barrena*», *barrenero* «o que leva *barrenas* aos mineiros»), o que não admira, pois S. Domingos fica perto de Hespanha.

Do que fica dito vê-se mais uma vez que o presente anda com frequência ligado ao passado, e que em geral um ha-de explicar-se pelo outro.



Fig. 7

*

Todos os objectos representados nas figuras pertencem ao Museu Etnologico: os cinco primeiros, por oferta que me fez o S.^{or} Carlos Van Zeller, Engenheiro de minas, que ao mesmo tempo me deu as informações que á descripção d'elles juntei; o sexto por oferta do S.^{or} Augusto de Vargas, de Mertola. A ambos estes illustres Senhores dou aqui público testemunho da minha gratidão.

Os desenhos que serviram para as figuras 1 a 5 e 7, foram feitos pelo S.^{or} Saavedra Machado, Desenhador do mesmo Museu. A figura 7 serviu de base a propria gravura do *Acto*.

J. L. DE V.

Arcos de ferradura

I

Há meses, num improvisado artigo que saíu publicado numa fôlha de Guimarães, não sei qual, mas aqui lhe agradeço a hospitalidade, tam raras vezes concedida a assuntos de arqueologia, e publicado, dizem-me, em grande estado de deformação, chamei para um problema, que se destaca da portada do Capitulo do claustro da Oliveira, a atenção dos poucos interessados. Esse problema tem, na construção românica dessa portada, a razão dos arcos de ferradura

que avultam, entre outros pormenores menos comuns. No citado artigo exclui a hipotética solução de Walter Crum Watson de «an uns-killed attempt at stiling» —uma inábil tentativa de alteamento—, por melhor preparado do que o autor inglês, que, todavia, à data da publicação de *Portuguese Architecture*, devia, conhecer os exemplos de Germigny-les-Prés, ou melhor os de Fontgombaud e da cripta de Göltingen, não menos estranhos que o da Oliveira, melhor preparado, no entanto, por factos do meu país, a pensar com mais largueza de vistas, não posso patrocinar tam infundado subterfúgio. Como toda a técnica dos arcos se opõe a tal consideração, hesitei entre as hipóteses duma tradição visigoda ou mosárabe, na absoluta certeza duma delas. Invoquei mesmo a frente do presbitério de Lourosa, que supus concluída nas iguais condições históricas do séc. XII, pondo a janela da Oliveira a par do ajimez da igreja beirã, e, se o meu juízo a tal respeito fica temporariamente suspenso, outros argumentos, tirados da natureza e proporções dos arcos, me não faltam.

O arco da porta do Capítulo da Oliveira mede de vão $1^m,660$, de flecha $1^m,040$, de raio $0^m,870$, e o seu alteamento acima da linha das impostas é de $0^m,170$, um quinto do raio. A sua curva não é rigorosamente circular; a chave, que deve ter baixado milímetros, devia exceder também de alguns milímetros a altura marcada no raio médio de $0^m,835$, mas foi circular nas tendências e processos de construção. A convergência das pedras é feita a pontos da flecha e não ao meio da linha das impostas. Esta observação serve também para os dois arcos da janela. Também estes têm chave. Medem $0^m,535$ de vão, $0^m,443$ e $0^m,460$ de flecha, com, respectivamente, $0^m,298$ e $0^m,305$ de raio, e, portanto, um terço de alteamento. Nota-se que os arcos da janela e o da porta, comparados, excedem o semi-círculo na razão inversa do tamanho, como os visigóticos ou constantinianos da Ponte de Pinos, em Granada (vide Gomez-Moreno, «Excursión através el arco de herradura» in *La Cultura Española*, 1906, n.º III, Agosto, pág. 800). Demais, as suas proporções e técnica são godas e não mouriscas.

É pois uma tradição goda que eu reconheço aqui, como sempre estive inclinado a crê-lo. Como garantia única aos que quiserem ver antes a tradição mosárabica, deixo as arquivoltas envolventes que esbulharam da importância aparente as curvas de extra-dorso, com o cuidado insano de as transformarem em alfizes, o que é muito difícil e pouco proveitoso. Já tirei da história do duplo mosteiro e posterior colegiada a hipótese explicativa, tam lógica e possível, duma construção anterior, guarda da tradição artística que invoco. Até a

própria colocação do Claustro que Watson nota, sem conseqüências porém, me serviu. Como falo ao interesse dos esclarecidos, a minha missão aqui terminou, e, indo, no desejo de resolver o grande problema de arte peninsular, continuar a minha peregrinação por este originalíssimo campo da nossa arte — o mais original de certo — espero à gloriosa colegiada, ainda não despida por completo do seu véu de mistério, no interesse de outros a finalidade do amor estético que lhe tenho.

Pôrto, 2 de Abril de 1917.

II

No caso do claustro da Oliveira, estão talvez a igreja do mosteiro de Travanca, estudada na *Arte*, revista portuense,¹ pelo Sr. Joaquim de Vasconcelos, sem indicação, porém, dos pormenores de que carece para a determinação dos seus arcos ultra-semicirculares as de Castrón e Socueva, na Galisa e a de S. Juan de la Peña em Huesca (Lamperez y Romea—*Historia de l'arquitectura cristiana española en la Edad Media*, p. 258). As igrejas galegas foram apontadas pelo Sr. Lopez Ferreiro em obras que desconheço e Lamperez cita, *ibidem*, p. 256. Estão por estudar. A de Huesca é românica; os seus arcos de ferradura são restos de uma construção do sec. IX. A comparação de um dos ditos arcos (da entrada do claustro) com os da Oliveira é muito sugestiva. Este é mais altiado que os nossos e, portanto, a disposição das juntas tende mais a radial. O Sr. D. Vicente Lamperez julga que a forma radial é própria da arquitectura mosárabe, chamando assim a toda a arte de construir que não é asturiana nem visigoda, donde eu, não obstante a autoridade incontestável do sábio espanhol, distingui a corrente de tradição neo-goda entre os mosárabes (caso da Oliveira). Julgo eu poder formular que a disposição radial das pedras dum arco é tanto mais definida quanto a ultra-semicircularidade é maior. Isto é a confirmação do acôrdo entre os arcos visigodos e os da Oliveira. O Sr. Lamperez parece não ver isto ao passo que deixa correr as influências mouriscas a par da tradição goda, para cimentar nas bases históricas dos mosárabes uma afirmação de tam flagrante inconsistência que até a existência de um *folk-lore* mosárabe ao lado da tradição cristã vem abalar, parecendo apoiá-la. Provêm ela dos levíssimos, mas quasi constantes desvios dos prismas científicos do ilustre arqueólogo, que fácilmente desafiam a análise lógica, mas muito embaraçam o estudo, não tendo

¹ Janeiro de 1908 sgs.

em consideração as proporções e a técnica, para ver tudo à luz baça de uma história que nem tudo descobre. Eu persisto em atribuir às proporções e à técnica toda a sua importância. Só assim se cria arqueologia científica. E, com efeito, a diferença de proporções entre os arcos de Nossa Senhora da Oliveira e de S. Juan de la Peña produzidos quasi nas mesmas condições históricas, não nos deixam outro caminho a seguir.

Coimbra, 14 de Abril de 1917.

III

Poderia acrescentar muito a lista dos monumentos românicos que, além dos preromânicos, possuem a curva ultra-semicircular no alçado, mas só espero tirar proveito dos pormenores desse inventário quando a questão técnica não corra perigo de ser desvirtuada pelas refrações dos meios histórico e geográfico. Depois do artigo publicado no número de Julho deste ano na revista conimbrigense. *O Instituto*, sob o título de «Uma circunstância modificadora das proporções da curva ultra-semicircular», a minha intervenção neste estudo tomou uma orientação muito mais exclusiva do que a mais eclética corrente de opiniões em que a cultura de Guimarães se terá permitido acompanhar-me. Mas, como tenho ainda com ela compromissos tomados, que a especialização da minha actividade não de todo dispersa me não impede de cumprir, tenho de antecipar ideias que deviam ter já tomado lugar próprio, se as contrariedades não vencessem. Nesse número de *O Instituto*, pp. 1 a 4, aproximei, sob o ponto de vista de uma tendência que já tinha reconhecido na Oliveira, as proporções dos arcos da Ponte de Pinos (Granada) os pequenos arcos do interior da ábside de Fonte-Arcada (Póvoa de Lanhoso) e interpretei, à luz dessa relação, o problema iniciado em Lourosa, renunciando à hipótese da gestação românica do ajimez. Considerei visigoda a corrente artística que presidiu à formação de todos os arcos ultra-semicirculares do território português, incluindo os mesmos de Travanca. Era esta já a minha opinião, formulada no segundo artigo desta série sob uma reserva, no entanto, que as falsas bases do critério oposto não mereciam. Será fácil tarefa despreocupar a opinião pública do efeito das invenções do Sr. Joaquim de Vasconcelos que faziam consistir no segredo dos seus desenhos a chave das proporções mosárabes dos arcos de Travanca.

No número da *Arte*, de Janeiro de 1908, em nota ao primeiro artigo sobre Travanca, o Sr. Vasconcelos quer obstinadamente inscrever um triângulo quasi equilátero (não conhecemos o direito dos

quásis em arqueologia), a base a coincidir com o vão, nos arcos mitrados de Travanca! Contra isso, isto:

Vão de um arco toral de Travanca 4^m,22

Flecha do mesmo arco 2^m,95

Alteamento, portanto, um terço, nada mais.

Vão de um arco «formero» 2^m,28, flecha 1^m,46.

Alteamento, o mesmo.

Os arcos de Travanca não apresentam dessemelhanças sensíveis entre si. Os arcos cuja rigorosa medição fica, são do segundo tramo da igreja duriense. E que pode valer a forma quebrada desses arcos, no fecho, como outros, visigodos, se encontram quebrados na linha diametral? É o que tentaremos fazer sentir no artigo próximo, não com tanta facilidade como evidência.

S. Tomé de Caldelas, 31 de Agosto de 1917.

IV

O Sr. D. José Pessanha, ampliando arbitrariamente uma citação que faz do livro clássico do Sr. Lamperez, chegou a atribuir à natureza monocêntrica dos arcos da igreja de Lourousa um critério de cronologia mosárabe¹. Mas esse escritor não devia ignorar e talvez nem ignore que os arcos policêntricos e os monocêntricos ligados aos pontos de nascença por meio de curvas de sentimento são grande minoria ao lado dos arcos ultra-semicirculares visigodos. Ora os poucos arcos daquela natureza mantem a importância estrutural da flecha como centro de irradiação linear, e em regra, mesmo esteriotómica, se pois pensarmos bem na sua gestação e sobretudo na finalidade muito restrita desses arcos, havemos de encontrar para essa invenção uma única e mera razão ornamental. Que diremos, então, de arcos cujas tendências ultra-semicirculares não são contrabalançadas por um incremento certo dado à linha diametral? O que nos levaria a individualizar os arcos da igreja de Travanca, para fora do seu significado ornamental? Assiste-nos, a meu ver, o direito de os tratarmos como ultra-semicirculares, a dentro do lugar que lhes dão as suas proporções. Estão pois, lançadas as bases de uma investigação do máximo interesse. Tenhamos, sobretudo, ao lado de uma grande ponderação, um minucioso critério. E, já agora, para concluir, vou tentar desembaraçar-me de dois arcos afectando levemente a forma de ferradura sem a precisarem, o que me leva,

¹ Terra Portuguêsa, III, pag. 53.

desta vez, à opinião paralela à que combati a Walter Watson, para a Oliveira. De facto, ao passo que os arcos da porta do Capítulo são de todo o carácter, como o provei, eu considero os dois da porta principal e da parte interna da lateral do sul da igreja de S. Romão de Arões (figs. 1 a 4)¹ tentativas inábeis de alçado, resultando em alteamento, apesar do muito que tenho a dizer do precioso monumento das cercanias de Fafe². A lenda que corre nas páginas da *Arte românica*³ acêrca do «mudejarismo» do arco da igreja de Meinedo (Penafiel), desfaz-se à simples vista, *in loco*, de um arco sem outros caracteres que a forma ogivada, que não desce nada abaixo da linha da arquivolta exterior, românica, a que os vãos de todas as linhas reintrantes do portal correm paralelos⁴.

S. Tomé de Caldelas, 6 de Setembro de 1917.

Conclusão

Em 1908, como dissemos, observou pela primeira vez, na *Arte, reprodução das obras de arte*, revista portuense do Sr. Marques Abreu, com a superficialidade necessária quasi no ano em que havia ainda de sair a obra de Lamperez e por uma falta, se o foi, sem precedentes na carreira exemplar do Sr. Joaquim de Vasconcelos, observou sua Ex.^a, ainda mal, o particular dos arcos de Travanca. Que o eminente arqueólogo ou eu, a quem de direito cumpria, não tivéssemos tentado reconstituir os arcos de Balsemão, é isso, pelo menos no meu caso, uma questão para ulteriores debates ainda que o público se dê por convencido da infrutuosidade de qualquer possível tentativa. Em 1912, o Sr. Dr. Vergílio Correia citou pela vez primeira, sem aplicação que só mais tarde lhe dei, sciência espanhola⁵. Desde o primeiro número da *Terra Portuguesa*, o Sr. D. José Pessanha entrou na questão e eu depois, como as datas destes pequenos

¹ Segundo fotografias de Domingos Ruas da Silva.

² Disse efectivamente no número único publicado do meu *Allegro vivace*, pp. 17 a 21, Pôrto 1917.

³ Pp. 53 e 54, das reproduções.

⁴ Ver a demonstração numérica da minha asserção em «Uma semana românica» monografia 3. — A igreja de Serzedêlo, nota 1 [no original], publicada neste volume [se por ventura não deixar de o ser], n.º , p. .

⁵ A igreja de Lourosa da Serra da Estrela, Lisboa 1912, p. 12. Ficou-me da primeira leitura dêste opúsculo a falsa impressão de que o Sr. Vergílio Correia tinha exposto a teoria das proporções de alteamento e já em qualquer parte lhe attribui erradamente essa prioridade. S. Ex.^a cita, no entanto a obra de Lamperez onde o assunto é ponto basilar. Resolvo portanto o engano, apresentando as minhas desculpas a quem delas se julgar credor.

artigos demonstram, com a boa vontade de deixar S. Ex.^a terminar antes de pronunciar-me, intento aliás frustrado, porque irrisório seria após uma demora igual.

Vem até muito tarde a conclusão do meu humilde trabalho, que deveu ser felizmente irreductível para pungir questões de prioridade. Quási nada aceitei; a hipótese da quebradura ornamental dos arcos devo no emtanto, tal qual vai, restituí-la ao Sr. Joaquim de Vasconcelos. Creio também não ter dado, através quatro meses de operosa expectativa em que estes artigos me caíam das mãos, grande medida de dispersão nem a minha consciência de defesa acusa lacunas. Fui breve e, por mais que digam, o mais impessoal possível. Muitos verão nestas páginas ¿que sei eu? descortezia em suma. Não..., e firo a nota com a tranquilidade que me dá a consciência ainda! o que aqui podem ver-se são impassíveis machadadas de quem abre caminho à verdade em Portugal. Ai vão afirmações despretenciosas. E que valeria a pretensão. As ideas são de todos.¿... o homem passa; a obra fica? se não absurda, essa immortalidade era ainda falaz.

Coimbra, 21 de Maio de 1918.

EDMUNDO ARMÉNIO CORREIA LOPES.

Nota.—Os *Arcos de ferradura*, I e II, foram muito espaçadamente publicados nos *Ecos de Guimarães* (8 de Abril e 2 de Setembro de 1917), Os outros dois (ver *Allegro vivace* p. 20, nota 5) que se lhes seguem, bem me custaram a revindicar, inéditos mesmo. Eis uma das causas da demora da publicação e a outra idea em que estive de os dar à *Revista de Guimarães*.

C. L.

Estudos sobre a epoca do ferro em Portugal

À semelhança do que fiz com a epoca do bronze (vid. *Arch. Port.*, XI, 179–180), inauguro aqui uma secção destinada a conter estudos, ou simples notas, respeitantes á epoca do ferro, que, como é sabido, se subdivide em dois periodos, de Halstatt, e de La Tène.

I

Objectos do Museu Arqueologico de Faro

(Desenhos de Saavedra Machado)

Referi-me n-*O Arch.*, XXIII, 111, a alguns objectos da epoca do ferro possuidos pelo Museu de Faro, e d'eles prometi falar depois.